

## QUANTO MAIS (MEIOS DE) LER, MELHOR!

Gina Maria Imbroisi Teixeira <sup>1</sup>  
Sônia Maria de Souza Alcântara<sup>2</sup>

A cada, ano percebe-se, com muita ênfase, as queixas e lamentos recorrentes, advindas da sociedade, sobre o nível de leitura dos brasileiros. Esse eco parece multiplicar-se quando a mídia divulga resultados de pesquisas realizadas dentro do país ou fora dele, como é o caso do Retratos de Leitura e do PISA, nesse caso, os interesses são muito mais políticos que educacionais. A incapacidade de ler atribuída aos alunos, de um modo geral, parece revelar o fracasso escolar e a reboque a fragilidade do sistema de ensino, principalmente, das redes públicas. O que os professores esperam mesmo que seus alunos leiam? Apesar de um longo tempo de escolaridade formal, via de regra, esses alunos não apresentam o perfil de leitor desejado pelos professores, ou seja, não respondem satisfatoriamente às práticas de leitura propostas por eles.

Em contrapartida, nunca se leu tanto como ultimamente! Parece uma contradição, que nega todas as pesquisas sobre a falta de comprometimento do brasileiro com a leitura. Mas, não o é, professores e alunos passam o dia, mesmo na sala de aula, onde a proibição do uso de celulares vira uma norma, mergulhados em mensagens, pequenos textos, imagens, vídeos, que parecem pular para fora da tela, impondo sua legitimidade à sociedade. Se ler é produzir sentidos (Koch, 2006), o que fazem, finalmente, essas pessoas em frente à tela de seus equipamentos móveis?

Com o advento das novas tecnologias digitais da informação e da comunicação (NTDIC), surgem novas possibilidades de leitura com as novas formas de manuseio dos suportes onde se encontram publicados os textos. O

---

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura em Letras Vernáculas com Inglês. Especialista em Consultoria em Educação para o trabalho. Especialista em tradução Inglês/Português – Português/Inglês. Pós-graduada em Mídias na Educação. Atualmente, é professora do Centro Universitário Jorge Amado (Unijorge).

<sup>2</sup> Graduada e Mestrado Letras pela UFBA, especialista em Psicologia Transpessoal na Faculdade Bahiana e em ensino superior pela UNIJORGE É professora de Inglês da Cultura Inglesa - Bahia e professora nível M da Secretaria de Educação do Estado da Bahia e da Secretaria Municipal de Salvador. Realizou curso de aperfeiçoamento em Língua Inglesa em Londres e aperfeiçoamento em Língua Inglesa e técnicas de ensino nos EUA.

processo de escrita/leitura se transformou, a partir do hipertexto digital, por meio de links e/ou hiperlinks, fomentando modificações nessas habilidades linguísticas, conforme afirmam Cereja e Cochar: “Com o surgimento e a popularização da internet, alterou-se profundamente a noção de texto. Na internet, o processo de ler ou escrever um texto deixou de ser linear, ou seja, da esquerda para a direita e de cima para baixo, com um procedimento de cada vez...” (2009, p. 23). Sendo assim, o mercado editorial brasileiro não poderia estar de fora dessa transformação, já que novas formas de editoração e publicação surgem com enorme multiplicidade de significações nesse ambiente virtual.

A literatura, por sua vez, também ganha novos formatos dentro desse campo virtual, apresentando novas possibilidades de leitura por meio do estímulo de concepções visuais e sonoras, além de outras ligadas ao movimento. Diante desse processo multisemiótico, Hayles (2009), define as obras de literatura digital como “trabalhos artísticos criativos que questionam as histórias, os contextos e as produções de literatura, incluindo a arte verbal da própria literatura”. Nesse contexto, o livro impresso como vinha sendo designado até esse momento, – com sequência e hierarquia das informações – aponta para novas maneiras de se ler e produzir literatura, em que é possível sair, a qualquer momento do texto e da leitura inicial, partindo para outra subsequente, permitindo que, como afirma Santaella (2007), se abra “ao artista e literato, horizontes inéditos para a exploração de novos territórios da sensorialidade e sensibilidade”.

Como se sabe, a partir das transformações sociais, econômicas, políticas, culturais, ideológicas, surgem novas maneiras de pensar e de conviver em sociedade. Dessa forma, é possível ouvir músicas em mp3, rádio, assistir TV, fazer filmes, gravar voz, tirar fotos, jogar, acessar a Internet, enviar e receber e-mails, em smartphones e tablets, com teclado virtual e tela sensível, a um simples toque. Sendo assim, é fácil imaginar que esses recursos se tornarão, cada vez, mais presentes entre nós, inclusive nas escolas, nas bibliotecas, nas livrarias.

Contudo, no caso específico das escolas, existe ainda uma barreira muito grande entre os conteúdos e as metodologias presentes em seus currículos e os recursos oferecidos por essas novas tecnologias. Em casos extremos, não há

qualquer possibilidade de conciliação entre eles, provocando um enorme preconceito por parte de professores e gestores, o que tem levado algumas instituições a assumirem posturas radicais de proibição dos dispositivos móveis dentro da escola.

Enquanto o milagre da transformação não chega, esses dispositivos “viram” brinquedo nas mãos dos jovens.

Mas, por que, então, não promover práticas de leitura utilizando esses dispositivos móveis na sala de aula? Será mesmo que se trata de escolhas quanto ao seu uso? É preciso salientar que é de suma importância o desenvolvimento da competência informacional e midiática na sociedade contemporânea, já que no ciberespaço estão presentes as linguagens híbridas, o hipertexto e os novos tipos de leitores que estarão interagindo com a informação, agora difundida pelas mídias digitais.

Desse modo, é imperativa uma educação voltada para as habilidades relativas aos novos modos de ler, de consumir e de produzir informação sob essa perspectiva digital em que vivemos, tendo a internet como principal ambiente. Afinal, como afirma Afonso Romano de Sant’Anna, “Não sabemos ler os aparelhos que nos leem”. Assim, mais do que uma visão simplificada da questão, a escola precisa assumir a distância que, na maioria dos casos, a separa desse avanço midiático e buscar formas de uma maior aproximação dos docentes com esses recursos digitais, de modo a transformá-los em recursos de leitura e escrita/ produção em sala de aula.

É bom que se esclareça, desde já, que, apesar do fechamento de muitas livrarias no Brasil, a partir da ascensão de novas tecnologias de acesso aos livros, um novo ramo vem surgindo com força total, o dos livros eletrônicos - os E-books: termo de origem inglesa, abreviação para “*electronic book*”, ou livro eletrônico. trata-se de uma obra com o mesmo conteúdo da versão impressa, com a exceção de ser, por óbvio, uma mídia digital. Esses trazem enormes vantagens, em relação aos livros impressos, como o fato de muitos usuários possuírem dispositivos móveis, a rapidez no download de conteúdo, além do próprio tempo para baixar, fator fundamental levado em conta pelos leitores na hora de escolher o veículo para se informar. Essas novas formas de pensar, utilizando meios

digitais, favorece o surgimento de novos leitores, principalmente os mais jovens, que abandonaram a televisão e a imprensa em papel. Com isso, o mercado editorial vem buscando novos parceiros, convencendo o cliente a comprar livros em sites, clubes de assinatura ou outras redes, fazendo, assim, com que os livros cheguem às mãos do consumidor.

Por sua vez, autores vêm buscando, também, novos meios de produção cultural. Ideias inovadoras como *audiobooks* e *e-books* têm se tornado uma realidade, não só entre usuários jovens e adultos, como também em relação às crianças, que já manipulam um *tablet* ou um celular, desde a mais tenra idade. Assim, a leitura na Internet está sendo inserida nessa, mobilizando outras habilidades de leitura, buscando informações no formato de hyperlink, na web.

Apesar de todo esse avanço com a leitura digital - já uma realidade -, é fundamental que escola e família possam propiciar experiências relativas à descoberta, à criatividade, à emoção do folhear, ao toque da página, que só o livro impresso pode proporcionar. É preciso, então, garantir tanto o acesso à tecnologia, quanto à cultura, e, para isso, as pessoas precisam “aprender a ler”, desenvolver habilidades de leitura, assumir comportamentos leitores, antes de dominar o uso da internet. Infelizmente. Talvez, dessa forma, a leitura se torne uma prioridade? Lendo. Comprando livros. Recomendando livros. Quanto mais meios de ler, melhor!

#### Referências:

CEREJA, W. R.; COCHAR, T. *Texto e interação: uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos*. São Paulo: Atual, 2009.

HAYLES, N. Katherine. *Literatura eletrônica: novos horizontes para o literato*. Trads. Luciana Lhullier e Ricardo Moura Buchweitz. São Paulo: Global: Fundação Universidade de Passo Fundo, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.